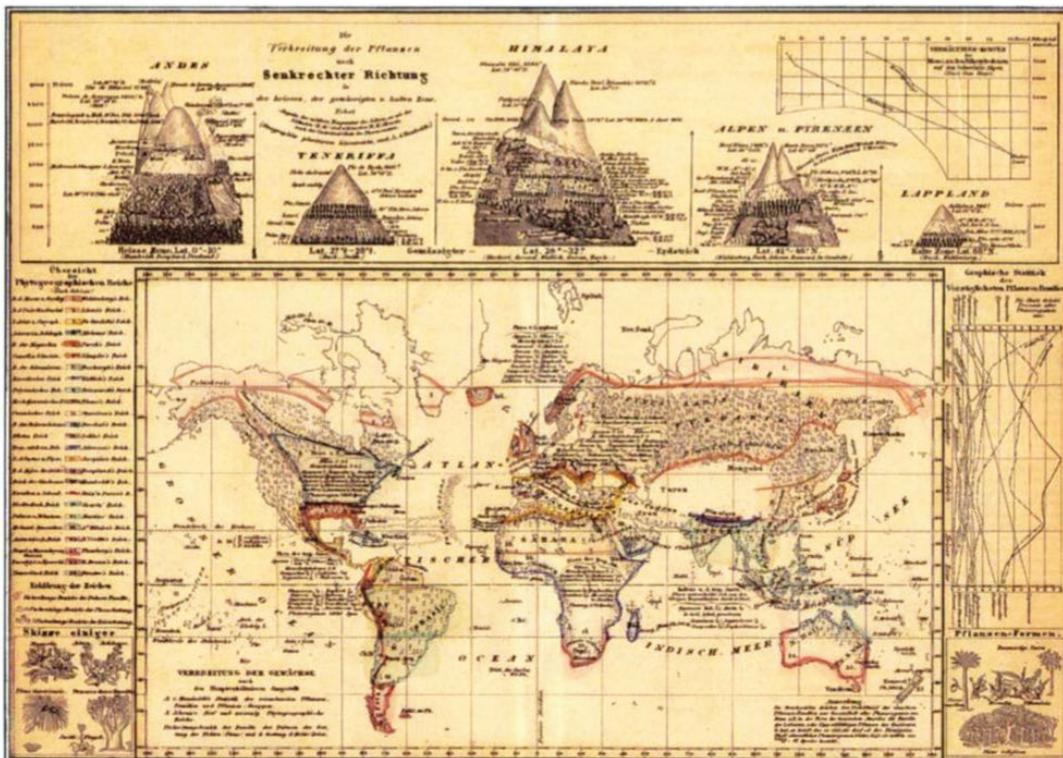


# CADERNOS DE GEOGRAFIA

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS  
 FACULDADE DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
 COIMBRA 1995 N.º 14



## INTERPRETAÇÃO DA IMAGEM E QUALIDADE AMBIENTAL DA CIDADE DE BARCELOS

Paula Santana\*

### RESUMO

Nas cidades, assiste-se à aceleração das transformações morfofuncionais e às mutações sociais, tornando necessária uma reflexão que ponha em questão os métodos e os processos de planeamento utilizados entre as décadas de 40 e 70.

Neste exercício, tem papel relevante o entendimento dos processos sociais, económicos, políticos e outros que actuaram ao longo da história da cidade de Barcelos e que determinaram a sua estrutura actual. Tendo em vista contribuir para a sistematização da leitura da cidade de Barcelos, parte-se da evolução e organização do espaço urbano para, de seguida, se proceder ao diagnóstico da situação no âmbito da imagem e qualidade ambiental urbanas.

**Palavras chave:** Imagem da cidade. Espaço urbano. Barcelos.

### RÉSUMÉ

Dans les villes, on assiste à l'accélération des transformations morphofonctionnelles et aux mutations sociales qui conduisent au besoin d'un réfléchissement capable de mettre en question les méthodes et les processus d'aménagement du territoire utilisés entre les décades de 40 et 70.

Dans cette étude, la compréhension des processus sociaux, économiques, politiques et d'autres, qui ont été actifs tout le long de l'histoire de la ville de Barcelos et qui ont déterminé son actuelle structure, jouent un rôle important. En envisageant contribuer pour la sistématisation de la ville, on part de l'évolution et de l'organisation de l'espace urbain pour procéder immédiatement au diagnostic de la situation, dans le champ de l'image et de la qualité de l'ambience urbaines.

**Mots-clés:** Image urbaine. Espace urbain. Barcelos.

### ABSTRACT

Towns are suffering significant morphological and functional changes, always together with sometimes dramatic social modifications. This kind of movements are the result of planning methods and tools implemented between the 40's and the 70's in Portugal.

This paper discuss the role of social, economic, political and others issues, playing special attention to the understanding of such factors that influenced the history of Barcelos and determined its present structure. The study of the evolution and organisation of urban space is the basis for the assessment of a diagnosis of urban image and environmental quality. The author stress the necessity of a systematic approach to the city understanding and reading.

**Key-words:** Urban image. Urban space. Barcelos.

---

\* Instituto de Estudos Geográficos. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.



## EVOLUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O tecido urbano de Barcelos resulta de um processo de crescimento descontínuo, acentuado em determinados espaços e segundo percursos ou itinerários, resultado de diferentes modos de vida que foram a razão da sua existência, longa de séculos. Por isso, a cidade adquiriu uma imagem que se tornou simbólica e que difere da calma e homogeneidade da restante área do concelho.

Ao longo de séculos o território físico foi sendo sucessivamente transformado em resultado das relações sociais das populações que aqui viveram, do movimento do progresso, das técnicas de construção, da evolução dos sistemas políticos e de controlo. Revela-se fundamental conhecer a vida da cidade, a sua história e a sua evolução, as diferentes fases do desenvolvimento, as técnicas de que se serviram os seus construtores e os diferentes modos dos cidadãos organizarem os espaços.

Os primitivos habitantes encontraram aqui óptimas condições fisiográficas para instalarem o núcleo genético do que viria a ser um aglomerado fortificado. Às vantagens do sítio, Barcelos juntou, ainda, os benefícios da posição, sendo este facto determinante no crescimento e desenvolvimento deste espaço que, em meados do século XIII, é referido pela existência da sua importante feira. Barcelos cresceu sob a influência deste importante acontecimento económico e social que, numa primeira fase, é de periodicidade quinzenal passando, mais tarde, a semanal. Este facto revela a posição central de Barcelos em relação a uma extensa área rural envolvente.

Assim se desenvolveu um aglomerado humano em torno de actividades ligadas ao comércio de produtos, funcionando este espaço como redistribuidor dos excedentes produzidos no *hinterland* imediato, ou seja no seu alfoz. O foral de D. Afonso Henriques, que se supõe assinado entre 1140 e 1146 e confirmado por D. Afonso II em 1218, refere a concentração do povoamento num núcleo, tendo como funções principais as do comércio e da “almocrevaria”.

O espaço urbano de Barcelos organizou-se ao longo dos séculos em torno dos núcleos de Barcelos e Barcelinhos (Fig. 2). Foi na margem direita do rio Cávado, primeiramente dentro da muralha e mais tarde estendendo-se até à casa do Benfeito que se desenvolveu, preferencialmente, a cidade. As Igrejas das Cruzes, do Terço e da Misericórdia são alguns dos testemunhos do crescimento quinhentista, seiscentista e setecentista. Novos conceitos de urbanismo estão também patentes na cidade de Barcelos marcados pelas influências do barroco e moderno. A continuação da cidade para Norte e Nordeste deve-se sobretudo às vias de circulação que estabelecem o contacto com o exterior — estradas e caminhos de ferro.

A vila organizou-se, então, a partir de um núcleo mais antigo, considerado hoje o centro histórico. Este ocupa a área principal da cidade actual, dentro e fora da muralha, destacando-se na organização deste espaço dois períodos

fundamentais: anterior ao século XVII e do século XVII em diante.

Intramuros, o aglomerado cresceu fundamentalmente a partir de dois largos que funcionaram como motores do crescimento económico e desenvolvimento social. Aí se concentravam as funções religiosa, comercial, administrativa, hospitalar e social. Refira-se, então, o Largo da Praça, defronte dos antigos Paços do Concelho e o Largo do Apoio. Destacam-se ainda na morfologia medieval a rua dos Mercadores, antiga Judiaria, localizada entre o Largo da Praça e o início da rua Direita, a rua do Açougue e a rua Direita (Fig. 3).

Foi a partir do século XVI que o aglomerado urbano rompeu as muralhas. A expansão extramuros faz-se, preferencialmente, ao longo das duas principais vias que se articulavam entre as Portas Nova e do Vale e os arrabaldes. Ao longo destes antigos caminhos rurais foi-se organizando a nova vila. A construção foi-se adensando, coalescendo com as ruas que se desenhavam em tramos mais ou menos rectilíneos. Refiram-se como exemplo dos espaços construídos desta época, as grandes unidades edificadas como os templos, conventos, solares e palácios residenciais dos quais se destacam a Igreja de S. José (remodelada em 1680), o Templo do Senhor da Cruz (1705-1714), o convento do Terço (1707-1713), o convento dos Capuchos (remodelado no séc. XVIII e onde hoje se instala a Misericórdia), o Palácio dos Beça Meneses (de meados do séc. XVIII), o Solar do Benfeito (séc. XVIII). Alguns destes edifícios localizavam-se na confluência das artérias referidas anteriormente as quais ligavam as Portas ao espaço rural envolvente que se estendia, fundamentalmente, a Norte e Nordeste do primitivo núcleo. São alguns exemplos o Largo de S. José, o Largo do Bonfim, o Campo 5 de Outubro e o Campo da Feira. O arranjo urbanístico de alguns destes espaços evidencia a urbanização extramuros que se processou apoiada nas vias de circulação e estruturada nos principais Largos antes referidos — S. José (1781-1783), Campo da Feira e o Passeio dos Assentos (1781).

A construção do Mercado D. Pedro V, em 1836, traz uma nova definição ao espaço urbano, tornando-o mais procurado fundamentalmente para a instalação de pequeno comércio diário e ocasional intensificando-se, por isso, a circulação pedestre nesta área.

A partir do século XIX, para além da intensificação da construção no casco antigo — núcleo histórico —, a cidade cresceu em função das novas vias de circulação que ligam a sede do concelho aos centros urbanos envolventes. Quase no final do século (1877) a área urbana ganha novos espaços em consequência da implantação da nova estrutura de circulação ferroviária da linha do Minho. A localização da Estação de Caminho de Ferro num dos extremos do aglomerado favorece a expansão para Oeste, organizado primeiramente em função da indústria de alguma expressão económica, com ligação ao casco antigo desde os primeiros anos deste século. A avenida que articula, ainda hoje, a estação e o centro é um dos primeiros arruamentos deste século (Av. Alcaide de Faria).

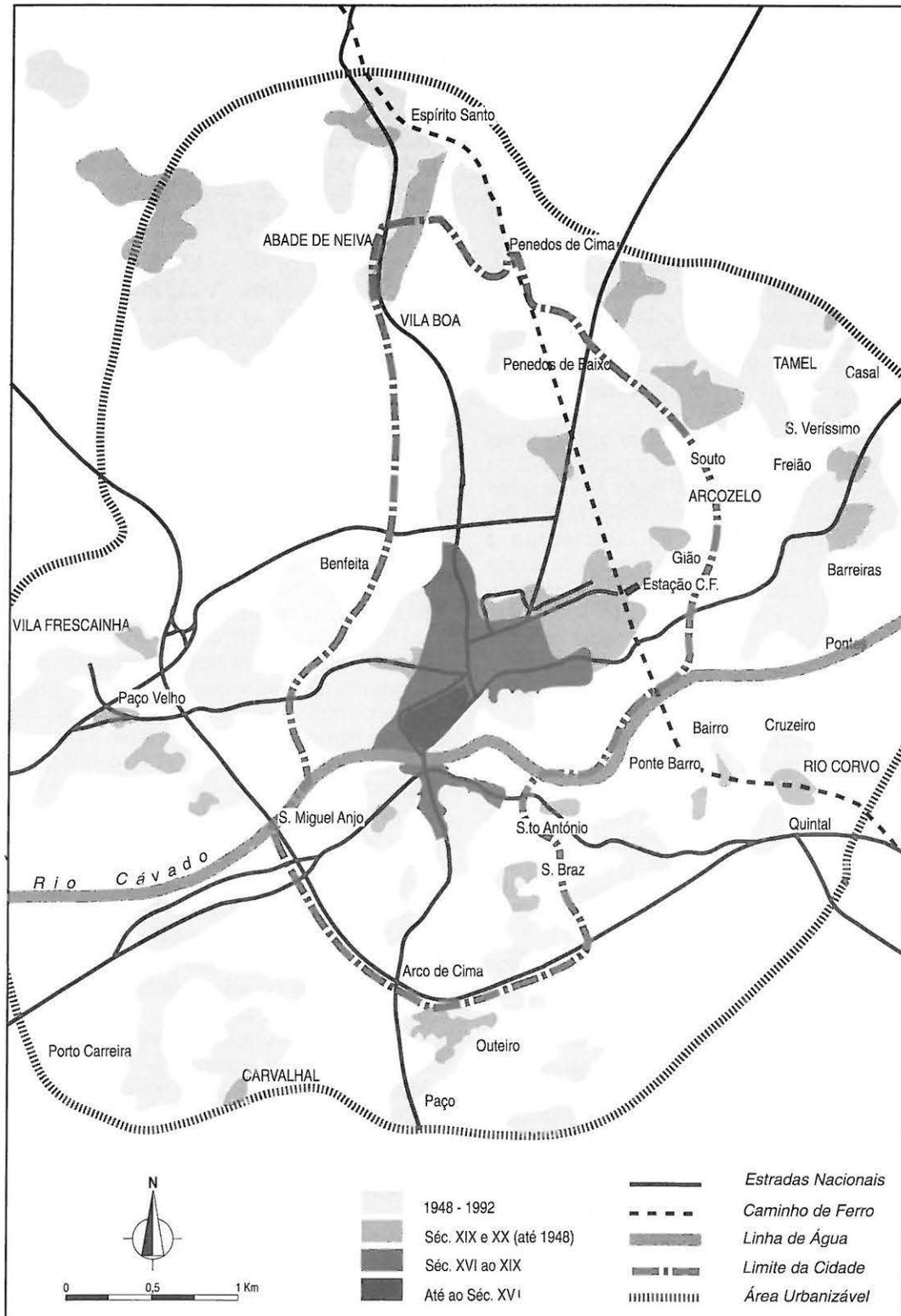
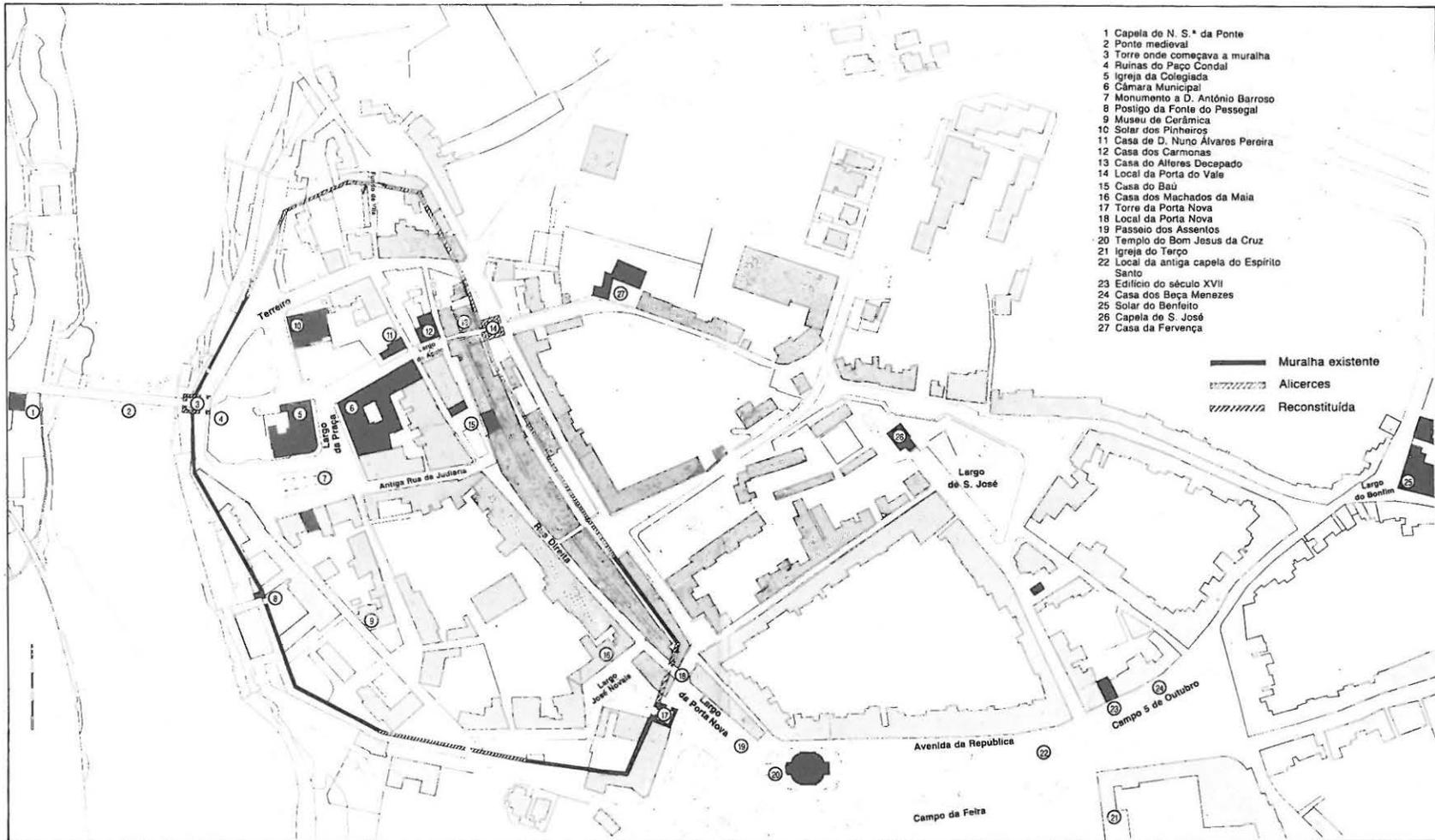


Fig. 2 - Evolução do espaço urbano de Barcelos



**Fig. 3 - Planta da parte medieval de Barcelos**  
 (Desenhada pela Arq<sup>a</sup> Clara Pimenta, sob a orientação do autor, extraída de ALMEIDA, 1990, pp. 16-17)

Nos últimos vinte anos, é visível o forte incremento na construção ao longo das avenidas D. Nuno Álvares Pereira e Paulo Felisberto e das ruas Dr. Vieira Ramos e Calçadas, nas quais se localizam as residências da classe média, algum comércio ocasional e serviços públicos e privados.

O crescimento da área urbana de Barcelos faz-se preferencialmente para nascente e Norte, alongando-se segundo os principais eixos viários, de forma radial (9 direcções diferentes, num esquema radio-concêntrico), nas direcções de Braga (Este), de Vila Nova de Famalicão (sudeste) e também de Ponte de Lima (direcção Norte) sendo a concentração urbana mais forte a Norte do Rio Cávado (Fig. 2).

Verifica-se, pois, que a população se tem localizado ao longo das principais vias, quase em todas as direcções, a partir do centro urbano que primeiramente se organizou e que tem funcionado, ao longo dos tempos, como catalisador de todo o espaço concelhio. Os eixos viários que se destacam, coincidindo com as estradas nacionais 103, 204, 205 e 306, têm sido relevantes na expansão urbana e dispersão do povoamento. Considera-se que o crescimento do espaço urbano de Barcelos é do tipo “mancha de óleo”, em virtude da existência de estreitos espaços intersticiais, sendo mais forte na zona que rodeia a cidade, e diminuindo à medida que nos afastamos da mesma.

Ao longo deste século, fundamentalmente nos últimos vinte anos, observa-se uma concentração da população na sede do concelho, o que significa uma maior densificação da cidade de Barcelos e suas áreas de expansão próximas, principalmente as situadas a Norte do Cávado. A cidade organizou-se, pois, em função dos espaços mais densamente ocupados onde o contínuo de construção, as infra-estruturas físicas e sociais se evidenciam, relativamente à restante área do município. Refiram-se, então, como constituindo a cidade, as freguesias de Barcelos, Abade Neiva, Vila Boa, Tamel, S. Martinho e S. Pedro a Norte e Barcelinhos e Rio Covo, a Sul, num total de 14 809 habitantes.

Importa referir a importância demográfica da cidade de Barcelos, no município, que é cada vez mais atractiva e estende a sua influência imediata a aglomerados suburbanos vizinhos, situados essencialmente na zona central do concelho. O espaço mais urbanizado estende-se a Martim, Pousa, Vila Boa, Lijó, Abade do Neiva, Perelhal e a Sul do Cávado alonga-se até Viatodos e Barqueiros. Estas áreas poderão constituir, num futuro próximo a área de expansão da cidade. Deve acrescentar-se, ainda, a expansão urbana que já é visível a Oeste da cidade, e que engloba Tamel (S. Veríssimo), Manhente, Galegos (Stª Maria) e Galegos (S. Martinho). Este conjunto poderá vir a ter uma função de apoio à cidade, sendo necessário que seja dotado de equipamentos colectivos e unidades funcionais.

O espaço edificado nas freguesias que constituem a cidade é formado, em grande parte, por edifícios exclusivamente residenciais e de dois pavimentos. Apenas na freguesia de Barcelos se verificam os edifícios parcialmente residenciais e com 3 ou mais alojamentos por

edifício, marcando, desta forma, a evidência urbana neste concelho.

## A IMAGEM DE BARCELOS

A imagem de Barcelos é uma arte temporal. Cada cidadão tem uma imagem que resulta de um percurso mais ou menos longo nesse espaço e das numerosas relações com a cidade. Cada espaço, rua, edifício ou a cidade no seu conjunto tem uma imagem que está impregnada de memórias e significações.

A cidade é constituída pela sua parte física e imóveis mas também pelas pessoas que aí se deslocam quer como residentes da cidade quer como utentes ou trabalhadores. Por isso as pessoas e as suas actividades são relevantes para a leitura da cidade.

A paisagem urbana deve ter legibilidade, ou seja, deve ser compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos facilmente reconhecíveis, sendo por isso fácil organizar as partes em estruturas coerentes e globais.

A importância da imagem vai para além do próprio sentido estético ou estruturante representando também, com grande acuidade, um papel social e pedagógico. Por exemplo uma imagem legível da cidade é um suporte fundamental para o crescimento do indivíduo podendo ainda desenvolver a capacidade de organização de uma memória colectiva da comunicação entre grupos ou constituir suporte da ideia de segurança.

Importa reter aqui o significado de “imagem pública” enquanto figuras mentais que um grande número de residentes possui, resultando da sobreposição das imagens de muitos indivíduos — a imagem pode variar de acordo com os observadores (sexo, cultura, ocupação, etc.).

Poder-se-á definir imaginabilidade como a qualidade que uma cidade, ou parte de cidade, tem de produzir uma imagem forte a quem a observa, evocando, em alguns casos, o passado. O desenvolvimento da imagem implica a análise da identidade, da estrutura e do significado. Identidade entendida como individualidade ou particularidade, como uma entidade separável. Estrutura, porque a imagem resulta da relação entre os objectos ou espaços urbanos e entre estes e o observador. Significado para o observador quer através dos aspectos práticos quer dos emocionais ou de relação.

A imagem da cidade resulta, assim, da interligação de partes distintas que são de tempos diferentes e estão para além do tempo. Deve ser clara, mas não evidente, porque a carga simbólica não o deve permitir.

A imagem de Barcelos resulta da combinação de três tipos de estruturas urbanas fundamentais que resultam do crescimento do aglomerado e que, quer pelas técnicas e materiais utilizados na construção dos edifícios quer pelas decisões na abertura de ruas e articulação dos espaços livres e construídos, imprimiram à cidade um traço peculiar.

Importa reter a importância dos elementos influenciadores da imagem principalmente ao nível físico, ou seja, a importância da forma sempre interligada com o seu significado. Consideram-se os espaços livres (de circulação e verdes) e os construídos. No primeiro grupo destacam-se as vias que podem ser ruas, passeios, rio, caminhos de ferro, jardins privados ou públicos e parques e espaço da feira. O segundo grupo é constituído pelos bairros residenciais, os quarteirões de comércio e serviços — onde permanece ainda a residência —, o mercado, etc.

A primeira imagem, a mais antiga, resulta da organização da vila ducal intramuros, com traços de arquitectura romano-gótica que, sobranceira ao rio Cávado, cresceu na sua margem direita. Esta é a imagem que é oferecida a quem entra em Barcelos, vindo do Sul (Fot. 1).

Até meados do século XVII o crescimento da urbe foi cingido pela muralha, constituindo-se sobre o existente e com as consequentes mutações na sua malha e na sua fisionomia. Este conjunto urbano destaca-se pelo seu carácter simbólico. A história da urbe está bem marcada nos espaços construídos e nos livres, dominando os primeiros sobre os segundos.

A imagem, é ainda a de uma vila dos princípios do século XVI, virada para o rio e separada do núcleo de Barcelinhos — também este com longa história — por

uma vetusta ponte gótica de cinco tramos desiguais (Fot. 2). A estrutura da ponte guarda ainda o carácter medievo, mesmo com as alterações que têm sido feitas ao longo dos tempos.

Dentro da muralha, ou do que resta dela — troços existentes no Terreiro e a nascente da ponte —, na margem direita do rio Cávado, cresceu a cidade, cingida e flanqueada. O esporão granítico que a sustenta e se levanta defronte da ponte, é coroado por elementos simbólicos que testemunham a importância da antiga vila ducal. Recortam-se as ruínas de uma moradia gótica dos finais do século XV. A velha chaminé tubular e algumas paredes que guardam ainda janelas de talhe sóbrio são apenas alguns vestígios da genuína feição senhorial de um paço acastelado (Fot. 3). Como relíquias medievas refira-se ainda o velho pelourinho, encimado por uma lanterna escavada e lavrada em granito (Fot. 4), o solar dos Pinheiros, uma das moradias mais típicas do Norte de Portugal (Fot. 5), e a Igreja Matriz da época de transição romano-gótica. É este conjunto que retrata o carácter forte da presença senhorial em tempos recuados, pedras vivas que perduram inalteráveis no tempo. Esta é também a primeira imagem da cidade, enquadrada em espaços ajardinados, esses sim mutáveis em conformidade com o gosto ou até com a meteorologia de cada época do ano.



Fot. 1 - Imagem da cidade de Barcelos, na entrada Sul (1995)



Fot. 2 - Ponte gótica que liga o núcleo de Barcelos a Barcelinhos, visível na imagem (1995)



Fot. 3 - À direita, as ruínas de uma moradia gótica dos finais do século XV. De frente, a Igreja Matriz (1995)

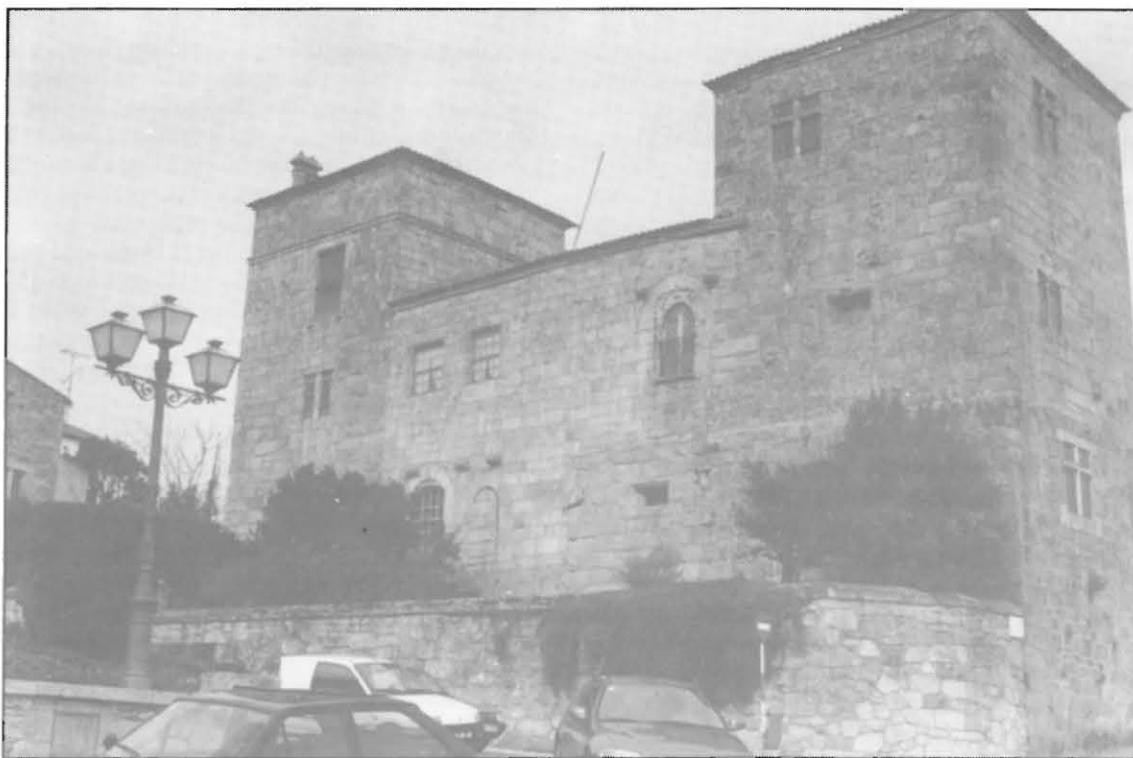
O casario envolvente e que suporta também a imagem da cidade é de épocas posteriores ou, em alguns casos, uma reutilização do espaço, como por exemplo o conjunto edificado dos actuais Paços do Concelho, cuja unidade resultou da profunda reforma iniciada em 1849 (Fot. 6). Foi ocupar os espaços edificados pertencentes aos antigos Paços medievais, ao hospital medieval (século XIV com transformações no século XVII), ao antigo edifício da Irmandade da Misericórdia (século XVIII) e à sua Igreja (século XVI).

Neste conjunto, correspondente ao casco antigo, a percepção do espaço é complementada pela observação, a uma escala maior — entrando nas ruas, nos largos, observando as fachadas. Dentro de muros, a cidade

organizou-se principalmente em volta de quatro núcleos genéticos — Largo da Praça, Largo do Apoio, Largo José Novais e Terreiro — e de duas artérias fundamentais — rua Direita e antiga rua da Judiaria — hoje rua dos Mercadores (Fot. 7). Ao percorrer estes espaços encontramos elementos facilmente reconhecíveis e identificáveis e existe uma continuidade lógica, o que imprime qualidade urbana ao espaço intramuros. Podemos referir, como exemplo de continuidade a uma via, as fachadas dos edifícios existentes no Largo do Apoio e os que se localizam entre este largo e o entroncamento entre a antiga rua da Judiaria e a rua Direita, ou ainda a presença de vegetação em frente da rua Dr. Miguel Fonseca.



Fot. 4 - O pelourinho (1995)



**Fot. 5 - O Solar dos Pinheiros (1995)**



**Fot. 6 - Ao fundo pode ver-se, em parte, a Câmara Municipal de Barcelos (1995)**



Fot. 7 - Largo José Novais (1995)

Refiram-se alguns elementos singulares da estrutura urbana mais antiga. Por exemplo, o Largo do Apoio, noutros tempos praça de mercado, guarda ainda um velho chafariz de granito (Fot. 8). Este espaço social e económico foi escolhido para local de implantação de residência dos Carmonas, com a primitiva edificação feita no segundo quartel do século XVI, correspondente à arcada e primeiro sobrado, e acrescentos do século XVIII. Próximo, na antiga rua do Açougue, encontra-se a Casa D. Nuno Álvares Pereira, com uma frontaria do século XVI que, provavelmente, reformou a casa do século XIV. No actual Largo Dr. Martins Lima localiza-se a Casa Baú, de finais do século XV ou inícios do século XVI, correspondendo ao tipo de residência cuidada quinhentista presente em outros exemplares no núcleo original de Barcelos. Refiram-se, ainda, como pertencentes ao núcleo primitivo, a Casa Machados da Maia, datável de meados do século XVI, a Casa de S. Francisco, com um portal em gótico arcaizante datável ainda do século XIV e a Casa Menceses e Vilas Boas, do século XVIII, destacando-se na morfologia urbana pela localização da face Sul sobre o rio, assente sobre a própria muralha.

A rua Direita é a artéria que liga o primitivo núcleo, que se adensou em torno da antiga Câmara e Igreja Matriz, à antiga Torre de Menagem (Porta Nova — que fazia a passagem da vila para o arrabalde antes da época da

restauração), uma das principais ligações com o campo envolvente. Foi durante alguns séculos o limite da vila. A rua Direita, pela sua localização, é hoje uma das ruas de maior tráfego de peões. As casas têm o traçado típico da arquitectura tradicional desta região do país: varandas com ferros forjados, beirados salientes, acentuada profundidade, utilização do granito com reboco e revestimento a azulejo (Fot. 9). As reconstruções nem sempre replicam os edifícios coalescentes descharacterizando um dos principais espaços urbanos da cidade.

Neste conjunto evidenciam-se algumas áreas onde se verifica a preocupação de manter a imagem e o símbolo do passado quer na recuperação das fachadas quer no arranjo dos espaços de circulação, fundamentalmente os verdes. Incluem-se nesta categoria os largos defronte da Câmara e da Igreja Matriz.

A imagem do Largo do Apoio e da Rua Direita, por exemplo são perturbadas e marcadas de forma negativa pelo estado degradado de alguns edifícios e dos pavimentos. Acrescente-se, ainda, que no Largo do Apoio a circulação pedestre é dificultada pelo tráfego caótico de automóveis, que o atravessa. Em todas as outras artérias que fazem parte do casco antigo percebe-se uma heterogeneidade na qualidade ambiental evidenciando desigualdades na reconstrução deste espaço urbano.



**Fot. 8 - Largo do Apoio (1995)**



**Fot. 9 - Pormenor de uma casa na Rua Direita (1995)**

Ou seja, não se verifica existir um continuum de qualidade ao nível quer da reconstrução — respeitando o passado — quer ao nível da implementação de espaços verdes em pequenos largos ou praças, dando assim uma nova utilização a um espaço que, na maior parte dos casos, é de estacionamento desorganizado (ex.: Largo José Novais e Largo do Apoio).

A **segunda imagem** é-nos oferecida quando entramos na cidade pelo lado Norte. Aqui pode observar-se outro tipo de estrutura: a imagem impressiona pelo conjunto arquitectónico de notável harmonia (Fot. 10). Se alguns elementos medievais subsistem ainda, quer morfológicos quer edificadas, a imagem da cidade que nos é oferecida resulta, principalmente, do conjunto arquitectónico dos séculos XVIII e XIX que imprimiram uma traça peculiar a este espaço. Destaca-se o interessante perfil da Igreja das Cruzes ou do Senhor da Cruz, templo de planta octogonal, de estrutura elegante, excepcional robustez e proporções harmoniosas onde se reconhece a inspiração italiana. Fazendo parte integrante deste conjunto, sobressai ainda o Passeio dos Assentos ou Jardim das Obras, amurada setecentista que cinge espaços verdes de cuidado trato (Fot. 11 e 12). Este espaço é revelador do gosto dos urbanistas desta época.

O Largo da Feira é um espaço aberto que funciona somente às quintas-feiras como um local onde, à

semelhança do antigo Terreiro, se realiza semanalmente a maior feira do Minho. É um espaço rectangular, arborizado, no qual se ergue, ao centro, um chafariz, peça do século XVIII. Este local funciona, fora dos dias de feira, como parque de estacionamento, dada a sua localização próxima do centro o que descaracteriza este espaço, principalmente na sua função principal. A imagem é perturbada por uma massa metálica que corta a continuidade do espaço urbano — enquanto espaço-casa (espaço dominado sensorialmente). Se em termos funcionais ele actua positivamente — “resolvendo” o problema do estacionamento próximo do centro —, em termos sensoriais é repulsivo e actua como um interface, principalmente para quem se desloca a pé dentro da cidade (Fot. 13).

Do lado oriental prende-nos a atenção a interessante fachada do Hospital da Misericórdia. De linhas harmoniosas, destaca-se, ao centro, a igreja de sabor Joanino.

A fechar este conjunto evidencia-se o casario — misto de comércio e residência —, com fachadas engalanadas, paredes revestidas a argamassa de reboco ou azulejo, com sacadas ou varandas de grades de ferro forjado de desenhos vários e diversificados.

Ainda neste conjunto simbólico, consequência da expansão da cidade para fora da zona das muralhas, observa-se uma maior uniformidade porque corresponde a um período mais curto de crescimento. As ruas que saem



Fot. 10 - Exemplo de uma parte do conjunto edificado na Avenida da República (1995)



**Fot. 11 - Amurada setecentista que envolve o Passeio dos Assentos (1995)**



**Fot. 12 - Pormenor do Passeio dos Assentos (1995)**



Fot. 13 - Largo da Feira, que funciona como parque de estacionamento desorganizado (1995)

deste segundo núcleo perdem continuidade e homogeneidade arquitectónica, apenas alguns elementos singulares merecem destaque por influenciarem a imagem de um espaço enquanto valor simbólico: a Igreja do Terço, testemunho dos primeiros anos do século XVIII, a casa brasonada da família Beça Menceses, a residência solarenga Casa do Benfeito (Fot. 14 e 15), a antiga Casa dos Machados Maia, Casa dos Arriscados e a Casa dos Brandões.

Importa referir que nesta estrutura urbana se observa o predomínio do espaço verde e de circulação sobre o construído o que resulta numa imagem de qualidade urbana bem conseguida — ao nível do mobiliário urbano — que deve ser preservada e melhorada (principalmente o arranjo do Campo da Feira e sua possível ligação com o Jardim da Misericórdia).

A terceira imagem de Barcelos resulta do processo de crescimento dos últimos anos, correspondendo às formas urbanas comuns na maior parte das cidades de pequena ou média dimensão e que traduzem as modas mais recentes: construção em altura, a utilização de grandes superfícies de vidro e alumínio, as novas cores (Fot. 16). Refira-se, por exemplo, no prosseguimento da avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a avenida Alcaide de Faria que conduz à estação do caminho de ferro. Aqui encontram-se edifícios que denotam o início de uma nova

era urbanística na vila. Pobre nos materiais e no gosto. As ruas sem passeios ou inacabadas, os poucos espaços verdes existentes mal conservados ou já abandonados. Um misto de ambiente rural, urbano e industrial, um espaço marcada pela falta de urbanidade (Fot. 17).

Ainda nesta última estrutura devem ser considerados os bairros residenciais dos últimos decénios, desordenados e com grande compacidade onde não são visíveis relações de complementaridade com equipamentos e onde desaparece quase o espaço verde público. Apenas nas avenidas do princípio do século são oferecidos produtos de consumo diário e ocasional e alguns serviços de ensino e saúde, fundamentalmente.

Em suma, verifica-se que nos dois primeiros conjuntos permanecem elementos que são estruturantes da imagem da cidade, alguns respeitando o passado; por um lado, pelo valor simbólico, cultural e arquitectónico, por outro, pela localização estratégica relativamente ao espaço envolvente.

## A QUALIDADE AMBIENTAL

Os elementos marcantes são normalmente representados por linhas de relevo, edifícios, sinais luminosos, lojas, que se evidenciam na paisagem urbana. Distinguem-se pela sua localização, por exemplo, e visibilidade através



**Fot. 14 - Casa Beça Meneses (1995)**



**Fot. 15 - Casa do Benfeito (1995)**



**Fot. 16 - Conjunto residencial na margem direita do rio Cávado (1995)**



**Fot. 17 - Exemplo de construção recente (1995)**

de um longo período de tempo e de espaço. Alguns podem ser usados como referências e serem usados como indicações de identidade.

#### **Algumas estratégias que dão resposta às debilidades da imagem e qualidade ambiental**

**Fazer o levantamento e classificação do património da cidade.** Os edifícios em ruínas ou em mau estado de conservação devem ser analisados quer quanto à qualidade arquitectónica quer quanto ao facto de estarem interligados com outros espaços construídos, constituindo, por isso, em espaço identificável. Quando tais pressupostos se mantêm, a reconstrução deve ser executada tendo como precauções um conjunto de elementos que se colocam também ao nível dos próprios materiais: a cobertura (telha de canudo), o guarnecimento de vãos (caixilharia de madeira), rebocos ou em sua substituição argamassas de tipo tradicional, cantarias (engastamento, cimalthas, gárgulas, molduras, medalhões), platibandas, gradeamentos, ferragens, chaminés, medalhões, azulejos etc., devem ser mantidos nas construções novas ou reconstruções da área antiga da cidade. A altura também não deve exceder os três pavimentos ou uma cerca de 10 metros, mantendo o equilíbrio da linha de horizonte. As construções ou reconstruções que não respeitem estes pressupostos e alguns edifícios industriais que se possam tornar agressivos à imagem da cidade devem ser considerados para efeitos de demolição, preservando, deste modo, a qualidade da imagem da cidade.

**Preservar os elementos marcantes no cenário de toda a cidade** que são constituídos, por exemplo, pelos restos do paço ducal dos quais se ergue a alta chaminé tubular — a força deste elemento é reforçada pela localização defronte de uma das principais entradas na cidade —, a Igreja Matriz e o Pelourinho. Este conjunto é importante pela sua estrutura e significado. A acentuada percepção é transmitida pela forma e localização, sobressaindo relativamente à linha de água, o rio Cávado, o que favorece a visibilidade do conjunto e, principalmente, da alta chaminé do paço acastelado, a alguma distância, contribuindo para que este conjunto perdure como um sinal-chave do centro histórico de Barcelos. Reconhece-se-lhe importância simbólica e visual. Refira-se que a imagem é formada por um campo contínuo que pode ser afectado ou perturbado por um elemento do conjunto. Por exemplo, a vegetação que se desenvolve a Oeste deste conjunto, embora não seja elemento marcante, pode influir de forma decisiva, quer positiva quer negativamente. É, pois, fundamental avançar para considerações acerca de estruturas de conjunto. Incluem-se aqui, por exemplo, as condicionantes impostas pelo tráfego e o estacionamento que alteram, também, profundamente a imagem da cidade, principalmente nas áreas do casco antigo que, pela sua morfologia e complexificação, o tornam difícil quer para quem circula de carro quer para quem, e principalmente, se desloca a pé.

**Manter a evocação do passado no Centro Histórico,** através de pontos de referência que são a força desse testemunho. No entanto, verifica-se a necessidade de revitalizar a área central incorporando o progresso na ideia de evolução dos espaços urbanos. Tem-se verificado, contudo, que a expansão da cidade influencia a criação de novos centros e é relevante que não se exclua a produção de novos centros, adaptando a cidade à evolução e às novas necessidades. O que parece fundamental é que seja possível a articulação entre os dois centros — o histórico e o comercial — vivendo em harmonia e, fundamentalmente, em complementaridade. Uma das medidas que poderá suportar este conceito é a criação de sistemas de percursos, bem identificados e sem rotura. Os elementos podem também ser organizados numa sequência contínua, permitindo que todo um percurso seja possível de identificação e se torne compatível através de uma sucessão familiar de pormenores.

As características da área central de Barcelos, por ter uma forma espacial coerente com focos de atenção individualizados e simbólicos, é perfeitamente identificável. Mas para que o centro histórico não se efemerize, torna-se indispensável criar um fenómeno urbano que tenha uma real validade histórica quer do ponto de vista da imagem e adaptação às necessidades quer ainda de continuidade e vitalidade com vista à memória das populações.

A intervenção que venha a ser feita deve ser desenvolvida no âmbito da criação de limites nítidos de forma a que este núcleo central não se descaracterize, sendo possível a sua definição por uma determinada quantidade de repetições e redundâncias.

**Tornar o espaço antigo mais atractivo.** A monumentalidade de alguns edifícios ou simplesmente o testemunho de uma época deve ser oferecido a todos, residentes ou passantes. Por isso, é necessário tornar esses espaços mais atractivos favorecendo, por exemplo, a circulação pedestre. Em alguns casos é urgente criar mais áreas pedonais, à semelhança do que foi feito na rua Direita e, noutros casos, a possibilidade da redução de dois para um sentido único de circulação. O Largo do Apoio é uma das áreas de intervenção prioritárias devolvendo-o aos peões e criando aí áreas de convívio e comércio.

Deve ainda reflectir-se prioritariamente no arranjo urbanístico dos cruzamentos, pelo efeito que decorre de serem os pontos de apoio conceptuais da cidade. Por exemplo, qualquer tipo de edifícios localizada nestes pontos é mais facilmente retida na memória — devem por isso ser valorizados estes espaços de intervenção.

**Reformular a cidade para melhorar a sua imaginabilidade.** O que importa é a qualidade de uma imagem mental. Por isso, é relevante saber olhar a cidade. O próprio processo de reformar a cidade para melhorar a sua imaginabilidade pode tornar a imagem mais nítida. O objectivo dos urbanistas não deve ser só ter um meio

ambiente bem organizado mas, e simultaneamente, simbólico, que retrate as suas tradições históricas e aspirações.

No espaço construído, a marca mais forte é a casa, podendo em alguns casos tornar-se até violenta. Este facto é o resultado da presença de técnicas de construção, do fazer a cidade ao sabor das modas, provocando por vezes grandes alterações na paisagem. Por outro lado, a forma como as casas se aglutinam ou se dispersam evidencia os sistemas económicos, sociais e políticos nos quais se corporiza. Por exemplo, os edifícios de construção recente (ou reconstrução) que são observados no centro histórico constituem, na maior parte dos casos, elementos perturbadores da imagem que se pretende. Os volumes, materiais ou rasgamentos da fachada na maior parte dos casos não estão de acordo com os espaços contíguos. Não se trata de excluir do casco antigo todos os elementos perturbadores, antes localizá-los de forma adequada podendo, em alguns casos, elementos novos virem a ser marcantes e, por isso, fixar e reforçar o centro. O que importa preservar é a qualidade arquitectónica quer dos edifícios quer de outros elementos que passem a fazer parte da paisagem urbana.

**Particular atenção deverá ser dirigida:**

— **Ao espaço entre o rio e a cidade.** De uma e outra margem, observa-se um longo espaço que não tem merecido a atenção dos urbanistas. O lançamento de uma nova ponte,

a montante talvez, e o aproveitamento das margens é uma prioridade no melhoramento da qualidade urbana passando pela organização dos usos e espaços ribeirinhos (Fot. 18).

— **À publicidade e à imagem urbana.** Um alerta ainda para a forma como é representada a publicidade comercial nas fachadas dos edifícios — pela sua dimensão, cor e forma —, que pode esconder traços importantes e que seriam essenciais para a interpretação da imagem da cidade.

— **À iluminação artificial das ruas e dos edifícios,** a qual pode afectar a leitura da imagem da cidade de forma positiva ou negativa. É importante saber interpretar a cidade para que possam ser postos em destaque, pela iluminação directa ou indirecta, elementos essenciais para a compreensão da sua imagem.

— **À acessibilidade ao centro,** principalmente através do transporte público, que requer ponderação quer na selecção dos percursos alternativos aos existentes — preservando a circulação dos peões ou do trânsito condicionado no casco antigo — quer na criação de parques de estacionamento próximo do centro — o Campo da Feira não deverá funcionar como parque de estacionamento mas, antes, como espaço público de laser e encontro, o que poderá ser reforçado pela abertura do jardim murado que ladeia, à direita, o hospital. Estas estratégias visam a revalorização urbana e patrimonial da área central da cidade.

— **À consolidação dos espaços verdes e áreas de lazer,** de recreio e convivência, que é fundamental na valorização



Fot. 18 - Imagem da margem esquerda do rio Cávado. Núcleo de Barcelinhos (1995)

cultural e lúdica dos residentes ou utentes da cidade.

— Ao **melhoramento das infraestruturas urbanísticas** ao nível da água canalizada no alojamento, esgotos ligados à rede pública e recolha diária de lixo. Apenas a freguesia de Barcelos pode oferecer à totalidade dos seus habitantes estas condições de conforto ambiental. Saliente-se, ainda, a necessidade de intervir ao nível do melhoramento da qualidade da água do rio (sendo para isso necessário empreender tarefas nos sistemas de interceptores e tratamento de esgotos, principalmente os industriais), bem como ao nível de acessibilidade e utilização das margens.

## CONCLUSÃO

Em algumas áreas da cidade de Barcelos as interrupções de crescimento, em alguns casos durante vários séculos, resultam numa dualidade do antigo e do moderno, ou do novo e do velho, em construção ou em ruínas, coalescentes e coexistindo no mesmo espaço. Estes podem ser considerados os espaços de transição onde a imagem é influenciada pela falta de uniformidade na cêrcea, nos materiais de construção, na relação dos espaços construídos com os livres — principalmente os jardins privados. Aqui surgem construções de quase todas as épocas e dos estilos correspondentes. A pobreza de alguns materiais empregues na construção dos edifícios, principalmente na habitação social, conferem a alguns espaços uma imagem de pobreza e desqualificação de espaço urbano.

A cidade de Barcelos é constituída por freguesias ou parte de freguesias onde a ruralidade está, ainda, bem patente. O operário camponês marcou este espaço com os seus modos de vida telúricos e são bem visíveis os pequenos quintais onde a agricultura é de mera subsistência. Se, por um lado, estamos perante um espaço urbano pouco consolidado e com fortes influências rurais, onde o desenho do lote não obedece a qualquer plano de urbanização, por outro lado, a ligação telúrica confere a este espaço beleza e harmonia. Verifica-se, todavia, ser urgente a melhoria da qualidade do desenho urbano das novas expansões.

Durante várias décadas tornou-se mais fácil e económico construir ao longo das estradas, quer pela existência de infra-estruturas de saneamento básico quer por serem áreas de boa acessibilidade. O crescimento do espaço urbano de forma radial segundo as vias de circulação rodoviária conduziu a problemas urbanísticos, de convívio e vizinhança. Devem somar-se a estes os problemas de circulação e os acidentes viários.

Salvaguardar este tipo de crescimento urbano passa, por exemplo, pela construção de habitação de características sociais e a criação de lotes infra estruturados.

Os problemas da população residente podem também ser minorados se se proceder à qualificação urbanística da habitação quer nas áreas consolidadas quer nas de expansão recente, salvaguardando a identidade e participação das

populações. Principalmente nas freguesias de Barcelos e Barcelinhos torna-se urgente a reconversão de bairros degradados que se devem conjugar com acções de reabilitação urbana.

É prioritário, ainda, introduzir em alguns espaços e melhorar noutros as redes de abastecimento de água e de saneamento básico, bem como aumentar a rede de recolha de resíduos sólidos, incluindo o estudo da recolha (com separação de materiais) e deposição de lixos.

As deslocações frequentes quer da população residente no concelho que trabalha ou estuda fora quer da população de fora do concelho que encontra neste espaço a sua actividade profissional, obriga a uma mudança das condições gerais de acessibilidade, através da melhoria das redes de transportes rodoviários e a um aumento da acessibilidade ferroviária, através da modernização da linha do Minho.

Relembrando que são muitas as unidades industriais que lançam os seus efluentes nos cursos de água sem qualquer tipo de tratamento, interessa assegurar a qualidade ambiental, ao nível da qualidade de água do rio Cávado.

Em suma: a evolução da técnica da construção, por exemplo, e a transformação social e económica da vida dos cidadãos reflecte-se nas alterações que o espaço urbano tem vindo a sofrer. Por isso, a fisionomia e a estrutura urbana vão-se adaptando às novas condições e modos de vida, pretendendo-se que este processo se desenvolva de forma harmoniosa.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1990) - *Barcelos*. Editorial Presença, Lisboa.
- CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS (1995) - *Plano Estratégico da Cidade de Barcelos, 1995-1999*. (policopiado).
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (1992) - *Plano Estratégico de Lisboa*, CML. Lisboa.
- CRUZ, B. A. (1932) - *Ensaio para os Anais do Município de Barcelos - A Comarca*. Barcelos.
- CULLEN, G. (1990) - *Paisagem Urbana*, Ed. 70. Lisboa.
- LYNCH, K. (1982) - *A imagem da Cidade*, Ed. 70. Porto.
- MILLS, C. (1988) - "The modern urban landscape". *Transactions*, IBG, 13 (2), pp. 255-256.
- RELPH, M. (1990) - *A paisagem urbana moderna*. Ed. 70, Lisboa.
- RODRIGUES, V. (1908) - "Barcelos". *A Arte e a Natureza em Portugal*.
- ROUGERIE, G. e BEROUTCHACHIVILI (1991) - *Géosystèmes et Paysages. Bilan et méthodes*. Armand Colin, Paris.
- SALGUEIRO, T. B. (1993) - "A representação da paisagem de Lisboa". *A Cidade*, Jornadas Inter e Pluridisciplinares, Actas II, Universidade aberta, pp. 439-453.
- SANT'ANNA, D. - "Barcelos". *Guia de Portugal*, Vol. IV, Tomo II, FCG, 2ª ed., pp. 935-967.
- TAVEIRA, T. (1973) - *O Discurso da Cidade*. Lisboa.